Dia 5 — São Froilão, Bispo e Patrono de Leão

Martirológio Romano

Os santos mártires Plácido, monge, discípulo de São Bento, abade, e seus irmãos Eutíquio e Victorino, e Flávia, virgem, também irmã deles; Donato, Firmato, diácono, Fausto e outros trinta monges, em Messina, na Sicília, aos quais, pela fé de Jesus Cristo, martirizou o pirata Manuca. (Veja-se a história de São Plácido entre as de hoje.)

O martírio de São Trásea, bispo de Eumênia, na Frígia, que foi martirizado em Esmirna no mesmo dia. (Pelos anos de 177. Este Santo foi uma das mais esclarecidas luminárias da Igreja da Ásia.)

Os santos mártires Palmácio e seus companheiros, em Tréveris; os quais padeceram na perseguição de Diocleciano, por sentença de Ricio Varo, presidente. (São Palmácio era cônsul e patrício da cidade de Tréveris, assim como os onze companheiros que padeceram com ele.)

O martírio de Santa Caritina, virgem, no mesmo dia; a qual, no tempo do imperador Diocleciano e do cônsul Domício, foi atormentada com o fogo e lançada ao mar; e como saísse sem lesão, cortaram-lhe as mãos e os pés e arrancaram-lhe os dentes e, posta em oração, entregou seu espírito ao Criador.

A ditosa morte dos santos irmãos Firmato, diácono, e Flaviana, virgem, em Auxerre. (Padeceram no tempo de Eurico, rei dos visigodos, pelos anos de 466.)

São Marcelino, bispo e confessor, em Ravena.

São Apolinário, bispo, em Valença do Delfinado, cuja vida foi esclarecida por suas virtudes e sua morte nobilitada com grandes milagres e prodígios.

Santo Atilano, no mesmo dia, bispo de Zamora, canonizado pelo papa Urbano II. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

São Froilão, bispo de Leão, na Espanha, na mesma cidade, esclarecido por seu anelo em propagar a vida monástica, por sua caridade com os pobres e por outras virtudes e milagres. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

Santa Gala, em Roma, filha do cônsul Símaco; a qual, morto seu marido, viveu muitos anos numa pequena cela que mandou construir junto à igreja de São Pedro, dedicada à oração, ao exercício da caridade com os pobres, aos jejuns e a outras santas obras. São Gregório Papa deixou escrita sua felicíssima morte.

São Froilão, Bispo e Patrono de Leão

Governando a Igreja Gregório IV, honra imortal da religião de São Bento, e mandando a monarquia da Espanha Afonso II, chamado o Casto, pelos anos do Senhor de 832 nasceu o glorioso São Froilão, um dos maiores bispos que tem tido a Igreja da Espanha. Foi sua pátria a nobre cidade de Lugo, na província da Galiza. Teve a ventura de dar-lhe berço um arrabalde da dita cidade que, segundo a tradição de seus vizinhos, estava situado onde agora se diz Reguero dos Hortos, sítio despovoado ao presente, no qual tem a catedral uma horta. A mesma tradição nos conservou o nome de sua mãe, que calam uniformemente todos os monumentos antigos. Por ela se tem por certo naquela cidade que se chamou Froila, mulher de tanta virtude que seu corpo mereceu um lugar distinguido num sepulcro de mármore, que se acha na catedral de Lugo, como vara e meia levantado do chão. O douto P. Mabillon afirma que suas virtudes a trouxeram, naquele bispado, à alta honra de ser venerada por Santa. Esta espécie é comum em nossos escritores modernos, os quais não somente dão por assentada a heroicidade das virtudes desta santa matrona, mas a confirmam com a veneração e culto que lhe tributam os fiéis de Lugo, implorando sua intercessão contra as dores de cabeça e reumas. Afirmam igualmente que uma imagem que está sobre o sepulcro com hábito de monge representa São Froilão, e que outro sepulcro que está na capela-mor ao lado do Evangelho é de um irmão do Santo. Tudo isto prova que, ainda que não se saiba pontualmente a ascendência de São Froilão, pode-se colegir que foi gente rica, como o acreditam os preciosos monumentos.

Como os pais de Froilão eram não menos piedosos que abastecidos de bens de fortuna, deram ao santo menino uma educação própria de sua piedade e de sua classe. Apartaram-no com cuidado daqueles tratos e companhias que costumam ser o escolho da inocência e onde os costumes começam a contaminar-se para sempre. O céu havia dotado nosso Santo de um natural feliz e de umas disposições tais como as podia apetecer a mesma virtude. Dócil de gênio, humilde de coração, aprazível em seus modos e inclinado naturalmente ao melhor, prestava-se como uma branda massa às santas instruções que lhe sugeriam. Sendo de idade proporcionada, aplicaram-no ao estudo e conhecimento das ciências sagradas e nelas aprendeu a desprezar o mundo e a buscar as eternas ditas. Já naquela idade sabia o verdadeiro preço da virtude e os meios de alcançá-la, que são a abstração do mundo e o trato com Deus na oração. Exercitava-se nela com tal continuação e fervor que os efeitos não podiam ser ocultados por sua modéstia. Veneravam-no como a um santo mancebo; e Froilão, posto sempre em vigília contra os tiros da vanglória, via-se precisado a fazer frequentes reflexões sobre a miséria da natureza, sobre a rebeldia das paixões e sobre as faltas que a delicadeza de seus olhos divisava em sua conduta para humilhar-se diante de

Deus e prevenir-se deste modo contra os assaltos da vaidade. Entretanto afiançava-se no santo temor de Deus, considerava suas grandezas cheio de fé e seguia o caminho começado, aproveitando de virtude em virtude. Sendo de idade de dezoito anos, pensou consigo mesmo que devia dar-se um destino em que servisse a Deus com tranquilidade e ao mesmo tempo aproveitasse a seus próximos. Para este efeito desejava exercitar-se no ministério da pregação, considerando que deste exercício poderia resultar a conversão de muitos pecadores e a confortação das almas mornas e débeis. O conhecimento que tinha das ciências sagradas e os ótimos frutos que lhe deixavam entrever seus caritativos desejos tinham-no quase decidido. Mas por outra parte considerava a tranquilidade e perfeição da vida eremítica, as doces delícias que nela encontra o espírito e a segurança contra as ciladas do mundo. Estas considerações instavam-no por sua parte a retirar-se a um deserto e fazer nele a vida que celebra a Igreja em tantos outros solitários.

As conveniências e proporções que em um e outro encontrava para servir a Deus tinham-no indeciso sobre o rumo que havia de seguir. Nesta aflição meditou fazer uma prova tão estranha como maravilhosa por onde investigar a vontade de Deus, a qual era o móvel e o norte de todas as suas ações. Determinou tomar umas brasas acesas e aplicá-las aos lábios e à língua e, se estes sentissem a voracidade do fogo, inferir que Deus não o destinava ao ministério apostólico; mas se, pelo contrário, as brasas não queimassem seus lábios, concluir que disto mesmo ficava provado que seus eloquios haviam de ser castos e tão puros como a prata provada no crisol; por conseguinte, que Deus o chamava ao ministério da pregação. Verificou-se isto último, porque, tendo feito a prova, o fogo perdeu sua atividade por virtude divina e as brasas não fizeram mais lesão nos lábios do jovem que se tivessem sido rosas. Dispunha-se já a empreender o ofício apostólico, bem seguro de que Deus o destinava como vaso de eleição à pregação dos povos e a ensinar aos que estavam sentados nas trevas da culpa os caminhos pacíficos da salvação eterna. Havia deixado pouco antes a casa de seus pais e achava-se em meio de um deserto. Preparava-se com mais oração, jejuns e penitências para o ministério a que Deus o havia elegido. Passado algum tempo, quando lhe pareceu que já seu peito estava tão aceso com o fogo do amor de Deus que as palavras que dele saíssem poderiam ser causa de iguais incêndios nas almas de seus próximos, determinou ir a povoado em busca das gentes a quem havia de pregar. No caminho o Senhor lhe deu a entender com outro novo milagre a complacência que tinha em vê-lo disposto a pregar as glórias de seu santo nome e, ao mesmo tempo, como com sua mão poderosa lhe infundia os soberanos dons necessários para tão grande empresa. Chegou o Santo, ao pôr-se o sol, a um sítio ermo e, fechando a noite com escuridão, cessou em sua viagem e pôs-se a descansar em seu ordinário exercício da oração. Grande parte da noite havia passado quando súbito feriu em seus olhos um resplendor celestial que iluminava toda a comarca. Em meio da claridade advertiu duas formosas pombas, que vinham voando desde o céu, uma de cor rosada e outra branca mais que a neve, as quais dirigiam o voo para sua pessoa. Ficou o Santo admirado e, estando surpreendido com sua vista, advertiu que ambas se lhe entraram com presteza pela boca. Mas não ficou nisto só o milagre. Se muito se havia surpreendido Froilão com um fato tão milagroso, muito mais foi sua admiração quando advertiu que uma das duas pombas lhe causava dentro do peito um ardor extraordinário, ao tempo que a outra lhe enchia de doçura as potências e sentidos.

Sem embargo da profunda humildade em que estava cimentada a sólida virtude de Froilão, não pôde deixar de advertir as grandes misericórdias que Deus usava com sua pessoa. Conheceu que

naquelas pombas estava significado o Espírito Santo e na diversidade de suas cores os diferentes carismas com que adorna as almas daqueles venturosos em quem habita. Isto mesmo manifestava o ardor que sentiu em seu peito e a doçura de que advertiu inundada sua alma, pronosticando-lhe além disso os efeitos felizes que de sua pregação resultariam. Verificou-se na realidade; porque seus sermões dali em diante continham em si todo aquele espírito de grandeza e magnificência que derruba os mais altivos cedros do Líbano e desfaz como malho os mais endurecidos penhascos, e assim mesmo aquele espírito de doçura que atrai e encanta brandamente os mais esquivos corações. Saiu do deserto, onde tinha suas delícias, para empregar em benefício de seus próximos as graças que Deus lhe havia dispensado. Ainda que não se sabe de certo os lugares determinados em que exerceu seu ministério apostólico, sabe-se que foram vários povos e cidades; e que neles correspondia o fruto de sua pregação ao fervor e soberanos dons do que pregava. Ninguém ouviu as vivas repreensões que saíam de sua boca sem que, trocando seu coração e abrandando seu peito, não deixasse os caminhos extraviados por onde corria a seu precipício e se convertesse de veras ao Senhor. Os discursos de Froilão, adornados não dos vãos artifícios da eloquência, mas da caridade que ardia em sua alma, sempre eram vencedores. Tanto os cidadãos, cujos vícios são finos e delicados, à proporção de sua vida, como os plebeus e montanheses, da fé mais simples e mais sensíveis às ameaças da Religião, deixavam-se ferir da divina palavra segundo saía da boca de Froilão, que se poderia chamar antes um forno de caridade ou um órgão do Espírito Santo. Estes efeitos maravilhosos lhe conciliaram um aplauso e estimação dos homens que dificilmente se compunha com a humildade de Froilão e com o temor que tinha sempre de manchar sua consciência com a mais leve sombra de vaidade. Ao passo que pregava, crescia seu mérito, crescia sua fama e aumentava-se seu perigo. Este fez suma impressão no que tanto havia amado a vida solitária que, para deixá-la e empregar-se na pregação, havia exigido de si mesmo a terrível prova das brasas acesas que aplicou a seus lábios. Tendo, pois, firmemente gravada na alma aquela sentença de que nada aproveita ao homem ganhar todo o mundo se padece detrimento em sua alma, determinou voltar a sua amada solidão para buscar nela a tranquilidade de espírito que havia perdido no povoado. Andava de monte em monte e de brenha em brenha fugindo ao favor e aplausos dos homens com tanto anelo como pudera empregar em solicitá-los o mais ambicioso. Onde quer que encontrava um lugar oportuno a seus desejos, ali se detinha algum tanto, fazia vida solitária e contemplativa por algum tempo e, não querendo ter de assento nem sequer esta pequena comodidade, passava a outra brenha a empregar-se no mesmo gênero de vida.

Não obstante o grande cuidado que este servo de Deus punha para esconder-se aos olhos do mundo, a fama de sua santidade se havia estendido tanto que era impossível ocultar-se. Teve notícia dela Santo Atilano, varão santíssimo, que com o tempo foi um dos maiores bispos que teve a igreja de Zamora e até a de toda a Espanha. Estava ordenado sacerdote e com a sublimidade do ministério haviam crescido nele os desejos de maior perfeição. Solicitava achar um diretor de sua alma em quem descansar com confiança, assegurando em sua piedade e luzes a consecução da eterna ventura.

Teve notícia de que em São Froilão se encontravam com muitas vantagens as qualidades que buscava em seu diretor. Deixou sua pátria e todas as conveniências da vida e, guiado de um instinto divino, lançou-se a buscar Froilão por aqueles lugares desertos em que lhe havia sido dito que fazia vida eremítica, que eram as montanhas de Leão. Ainda que a empresa era difícil de

conseguir, por ser pouco menos que impossível poder encontrar num deserto cheio de escabrosidades e quebradas um homem empenhado em ocultar-se dos demais homens, Deus, que favorece as boas intenções, quis que encontrasse o santo ermitão, que lhe manifestasse seus desejos e que Froilão o recebesse por discípulo. Gozaram-se mutuamente de sua santa companhia e começaram uma vida toda contemplativa, que seguiam com o maior fervor; mas por quanto os povos da comarca tinham alguma notícia de sua residência naquele ermo, julgaram os Santos que ali estavam mal seguros e que deviam buscar outro asilo à sua tranquilidade. Com este intento começaram a andar de monte em monte, até que finalmente chegaram a um chamado então Curcurrino e hoje Curueño. Fosse pela aspereza do lugar ou pelo desconhecido que era às gentes este sítio, os Santos o elegeram de comum acordo para mansão sua, fabricando nele umas pobres celinhas muito acomodadas à pobreza e austeridade de seu espírito. Ali estiveram os dois santos solitários exercitando-se algum tempo na vida contemplativa. Os proveitos que disto resultariam em seu espírito, as divinas consolações com que seriam recreados e os celestiais favores que receberiam ficaram ocultos entre aquelas brenhas; mas contudo, pelo que se viu depois, conhece-se que neste gênero de vida suas almas conseguiram consideráveis medras na virtude.

O mérito verdadeiro tem as mesmas propriedades que a atividade do fogo e os resplendores de uma grande luz; por mais que queira ocultar-se, sempre saem vãos quantos esforços se empregam em consegui-lo. Divulgou-se muito em breve o lugar onde São Froilão fazia vida eremítica em companhia de Santo Atilano; e como os povos estavam cheios dos admiráveis frutos que anteriormente havia causado sua pregação, não puderam deixar de solicitá-la agora com tanto mais ânsia quanto a privação lhes havia excitado mais o desejo. Concorriam àquele sítio escabroso grandes turbas de gentes, sem que a incomodidade das veredas, o longo do caminho nem as inclemências do tempo fossem bastante a retraí-las de sua concorrência. Os magnatas, os sacerdotes, o clero, homens e mulheres, todos vinham em grandes tropas àquele lugar solitário para que Froilão lhes anunciasse a palavra de Deus, o que fazia o Santo com grande fruto, porque os que a ouviam eram temerosos de Deus e tinham bem dispostos seus corações. Era grande a complacência e consolo que sentiam em seu espírito aquelas gentes afortunadas com a pregação de Froilão; mas eram também muito grandes as incomodidades e moléstias que por esta causa padeciam. Deixar suas casas; abandonar por largo tempo os afazeres de suas famílias; repetir com frequência umas veredas perigosas entre matagais e precipícios; expor sua saúde aos ardores do sol e às incomodidades da chuva eram uns males dignos de consideração e de remédio. Representaram-lhos ao Santo, suplicando-lhe ao mesmo tempo que se dignasse deixar aquele lugar solitário e descer a uma cidade que se chamava Viseo, onde ele não teria certamente as comodidades tranquilas da solidão; mas em recompensa teria o regozijo de ver que a menos custo se multiplica em seus próximos o proveito. Para que suas razões tivessem mais força e fizessem maior sensação nas entranhas do Santo, usaram de um meio que movesse seu interesse. Sabiam que era afeiçoado à vida eremítica e daqui inferiram que não lhe podia desagradar a vida monástica. Propuseram-lhe, pois, que na referida cidade poderia edificar um mosteiro onde fossem muitos os que servissem a Deus e se criassem varões hábeis e virtuosos para dispensar aos povos a divina palavra. Facilitaram-lhe esta empresa, prometendo ajudá-lo com suas esmolas quanto bastasse a consegui-la, assegurando-lhe além disso que não lhes faltaria o alimento necessário. Esta representação fez tanta força na alma de São Froilão que condescendeu com ela gostoso; e deixando sua amada solidão, veio com Santo Atilano à cidade de Viseo. As promessas que nascem da simplicidade e retidão de coração sempre têm seu cumprimento: Deus mesmo as abençoa e as

leva a devido efeito, derramando sobre elas suas benéficas graças, vencendo com virtude onipotente quantos obstáculos se apresentam. Chegado que foi nosso Santo à cidade, empreendeu a fábrica do mosteiro e em breve tempo o viu povoado de trezentos monges, que não cessavam dia e noite de cantar os divinos louvores e de derramar nos povos circunvizinhos copiosos e espirituais frutos.

Governava à sazão o reino dos godos Afonso, príncipe que por suas grandes qualidades em paz e em guerra, no eclesiástico e civil, foi chamado o Magno. Ainda que tarde, chegou à notícia deste grande Rei a fama de Froilão, suas acrisoladas virtudes, sua apostólica pregação e o grande fruto que havia feito em tantos povos; concebeu desejos de ver e tratar pessoalmente varão tão santo e, para consegui-lo, enviou núncios que em seu real nome lhe suplicassem que quisesse vir a Oviedo, onde o Rei tinha sua corte e fazia sua residência. Logo que Froilão ouviu a embaixada, concebendo que de condescender com o Rei poderiam seguir-se grandes proveitos a Deus e a sua Igreja, obedeceu imediatamente, empreendendo a viagem para aquela cidade. Como chegou, apresentou-se ao piedoso Rei, o qual em seu aspecto e em seu trato reconheceu um varão cheio do Espírito Santo; admirou uma e muitas vezes os soberanos dons com que a divina graça o havia enriquecido e, com um piedoso assombro de ver num homem tanta santidade, prorrompeu em dar graças a Deus, que havia elegido tal servo para governar as almas que criam nele. As admirações e espanto não ficaram somente em uns sinais estéreis da forte sensação que a virtude de Froilão havia feito no ânimo real. Resoluto antecipadamente aquele generoso Príncipe a reformar os costumes, que não haviam podido deixar de estragar-se entre os horrores e desordem da guerra, elegeu Froilão para que pusesse em execução este grande desígnio. Honrou-o muito, deu-lhe grande cópia de dinheiro e uma potestade ilimitada para que, percorrendo todo o seu reino, fundasse mosteiros nos sítios que para isso encontrasse mais oportunos. Regularmente elegia-se para este efeito um sítio ameno onde com o aprazível do lugar se juntasse a possibilidade de concorrer os povos a receber o ensino dos monges e à celebração dos divinos ofícios: alguns dizem que foram muitos os mosteiros que o Santo edificou e que disso dão testemunho várias ermidas à ribeira do Esla, onde se divisam ainda ruínas que parecem de grandes edifícios; mas de testemunhos autênticos só consta que edificou dois, que pela santidade de seus indivíduos e pelo número de monges equivaliam a muitos. Um foi o mosteiro Tabarense, chamado assim por estar edificado perto de um lugar chamado Tábara, uma légua distante do rio Esla. Nele juntaram-se seiscentos indivíduos de ambos os sexos, a quem São Froilão deu salutares instituições para que se mantivessem no fervor da vida monástica. Outro mosteiro fundou o Santo num sítio elevado e ameno perto do rio Esla, no qual chegaram a juntar-se como duzentos monges, a quem igualmente comunicou a regra com que haviam de viver. Reservou-se o Santo para si a direção destes mosteiros, que isto quer dizer o nome de abade com que o assinalaram os povos quando pediram ao Rei que o elevasse à dignidade episcopal.

Com grande tranquilidade de seu espírito e alegria de sua alma governava nosso Santo seus monges; porque, ainda que não deixava de ser-lhe pesada a carga da superioridade, tornava-lha suportável a satisfação de ver o proveito que resultava aos povos. Mas neste tempo, que era pelos anos do Senhor de 900, vagou a cadeira episcopal da igreja de Leão; e o povo, que estava bem instruído das excelentes qualidades que adornavam o santo Abade para dignidade tão sublime, levantou a voz pedindo-o com afinco por bispo, dirigindo ao Rei as súplicas mais eficazes para este efeito. Alegrou-se Afonso extraordinariamente com este fato, porque já havia tempo que havia

intentado persuadir Froilão a que se ordenasse sacerdote e não o havia podido conseguir. A responsabilidade das delicadas obrigações que acompanhavam o presbiterado era um muro tão forte que não o haviam podido vencer nem as insinuações da amizade nem a autoridade do Trono. Vendo-se Froilão eleito para bispo de Leão, é indizível o sentimento que se apoderou de sua alma e as esquisitas diligências que praticou para eximir-se da dignidade. Representou ao Rei que tinha filhos em seus mosteiros, os quais exigiam de justiça que empregasse neles sua vigilância e cuidado; que seria um mau monge se se determinava a deixar a pobreza e retiro de sua cela pelo esplendor da dignidade pontifícia; e, finalmente, chegou a tanto sua resistência que se atreveu a falar ao Rei palavras tão amargas que, a não saber o Monarca o grande fundo de virtude de que procediam, as poderia ter tomado por insultos. Nada bastou a fazer desistir o Rei nem o povo da determinação que haviam tomado; e assim, ainda que contra sua vontade, foi o Santo consagrado bispo de Leão no dia de Pentecostes, juntamente com Santo Atilano, que foi consagrado o mesmo dia por bispo de Zamora. Constituído na cadeira episcopal, como tocha no candelabro, começou a difundir as luzes de sua sabedoria e as benignas influências de sua virtude. Sua igreja e toda a Espanha as participavam em abundância, porque a todas as partes chegavam os ecos daquela voz de trovão com que pregava a palavra de Deus, cumprindo as funções de seu augusto ministério. Sem embargo de que havia encanecido no exercício das virtudes, umas vezes habitando os desertos, outras evangelizando as cidades e outras, finalmente, dirigindo a Deus copiosas turbas de monges, parecia-lhe que nada havia feito e que sua virtude era muito débil a respeito do que exigia o cargo episcopal. Redobrou todos os seus exercícios, aumentou as austeridades e multiplicou os trabalhos, ensinando, corrigindo e guiando pelas veredas da salvação o rebanho que o Senhor havia posto a seu cuidado. Quantas virtudes requer São Paulo num bispo quando escreve a Tito e a Timóteo, outras tantas se procurou Froilão por meio da divina graça; e assim, tanto os monges como os clérigos e leigos experimentaram nele um sábio mestre, um pastor vigilante, um prelado doce e um pai amoroso.

Cinco anos obteve a cadeira episcopal com o proveito que era consequente a suas excelentes prendas. Pelo mês de janeiro de 905 achava-se na cidade de Oviedo presenciando uma doação que o rei D. Afonso fez à santa igreja do Salvador, na qual manifestou assim mesmo a devoção e amor que tinha a Froilão e a sua igreja. O Senhor queria já premiar seu servo fiel, que tão boa conta dava dos talentos que lhe havia confiado; mas quis antes que ainda neste mundo ficasse uma prova do que lhe havia agradado, assinalando-o com o dom de profecia. Profetizou Froilão grandes coisas antes que sucedessem e, entre elas, que aquela terra seria devastada pela guerra, a fome e a peste. Ao rei D. Afonso, ao clero e ao povo fez igualmente semelhantes profecias, anunciando a cada um em particular o que lhe havia de suceder; e como já a experiência lhes tinha acreditado que residia nele um verdadeiro espírito profético, todos se prepararam com lágrimas de compunção para esperar os sucessos. Uma das coisas que predisse foi o dia e hora em que sua alma havia de ser desatada dos laços da mortalidade para reinar com Jesus Cristo. Pouco antes de que sucedesse isto, convocou todos os seus monges e o clero e, tendo-os presentes, fez-lhes primeiramente um vivo discurso, exortando-os à observância da lei santa de Deus e a manter com tesão todas as santas regras que lhes havia dado. Concluiu seu arrazoado dizendo-lhes como Deus o chamava para si e assinalando o dia e hora em que havia de morrer e apresentar-se diante de seu Deus. Estas últimas palavras encheram de consternação a todos os circunstantes; bem depressa se divulgaram por toda a cidade e pelos povos circunvizinhos. Querer explicar a dor, os

gemidos e pranto que manifestaram todos os seus súditos seria pretender um impossível. As tropas de gente de ambos os sexos, de todas as idades e hierarquias andavam confusamente pela cidade afogados em lágrimas e manifestando sua dor com sentidos lamentos; uns choravam sem consolação a miserável orfandade em que ficavam; outros levantavam as mãos ao céu, clamando a voz em grito: «Por que, ó Pai, nos deixas, desamparando o rebanho que te havia sido encomendado?» Entretanto o santo Bispo se fortalecia com os Sacramentos da Igreja; e tendo chegado a hora que tinha profetizada, dormiu o sono dos justos, e sua alma santíssima foi apresentada entre coros de Anjos a seu Criador para receber o prêmio devido a seus trabalhos. Sucedeu seu trânsito ditoso no dia 5 de outubro do ano de 903, tendo vivido setenta e três anos. Seu corpo foi sepultado num sepulcro precioso, que tinha fabricado para si o rei Afonso na igreja de Leão. Ali permaneceu até os anos de 999, em que, vindo Almanzor às comarcas de Leão, procuraram os cidadãos pôr a salvo as sagradas relíquias de seu santo Prelado, levando-as a um lugar montuoso dos Pireneus, chamado Valdecesar, em cuja igreja, dedicada a São João, permaneceu até que, por solicitação de uma princesa, foi levado ao mosteiro de Moreruela, da Ordem de Cister. Achava-se desconsolada a igreja de Leão pela falta das relíquias de seu pastor São Froilão. Fez vários ofícios com os monges de Moreruela para que lhe devolvessem um tesouro que lhe pertencia; mas todos foram inúteis: por isso queixou-se formalmente ao Sumo Pontífice, o qual, tendo nomeado por juiz desta causa o legado Jacinto, este sentenciou que os sagrados despojos se repartissem igualmente entre a igreja de Leão e o mosteiro. Fez-se a trasladação com toda a pompa e aparato que convinha à aquisição de tão preciosas relíquias e à dignidade de igreja tão respeitável, e foram colocadas no altar-mor da catedral numa preciosa urna de prata, onde os fiéis as veneram, premiando Deus sua fé e sua devoção com continuados favores.

São Plácido e Seus Companheiros, Mártires

São Plácido, filho de Tértulo, senador romano, de uma das mais ilustres e mais antigas famílias de Roma, desde sua infância foi encomendado à disciplina do grande patriarca São Bento, objeto à sazão da veneração e da admiração de toda a Itália. Aos sete anos de sua idade levou-o seu pai ao santo Patriarca para que o educasse por si mesmo no mosteiro de Subiaco. Não podia deixar de produzir excelentes frutos aquela terna planta, cultivada por tão destra mão e em terra tão fértil de Santos. Havia nascido o menino Plácido com tanta propensão à virtude e com tão belas disposições para o estado religioso que, a poucos dias de sua residência em Subiaco, foi a admiração de todo o mosteiro. Não o espantaram os penosos exercícios da austera vida que se fazia nele: tão longe de necessitar que o animassem a levar aquele pesado jugo, superior às forças naturais de sua terna idade, foi mister puxar pela rédea a seu fervor. Queria Plácido assistir a todos os atos de comunidade e praticar todas as penitências que faziam os demais. Causava verdadeiramente admiração ver aquele menino entrar o primeiro no coro para cantar dia e noite os louvores do Senhor e valer-se de muitíssimas indústrias para mortificar sua inocente carne. Não houve noviço mais devoto, mais humilde nem mais obediente que ele. Animavam-se os mais antigos com o exemplo do menino Plácido. Refere São Gregório que, enviando-o um dia a tirar água de certa

lagoa imediata ao mosteiro, caiu nela com o peso do cântaro e as ondas o levaram para dentro da lagoa, até um tiro de pedra distante da margem. Estava São Bento em sua cela e, revelando-lhe Deus aquele triste acidente, chamou a seu discípulo Mauro e lhe mandou que prontamente acudisse a socorrer o menino Plácido. Chegou Mauro à lagoa e, sem pensar sequer no perigo a que se expunha, meteu-se intrepidamente por ela, caminhando pelas águas milagrosamente endurecidas; e pegando Plácido pelos cabelos, tirou-o à margem com duplicado milagre.

Logo que Plácido voltou a si, perguntaram-lhe em que pensava quando se viu em meio da água e já a ponto de afogar-se. Respondeu que, quando sentiu que o puxavam pelos cabelos, viu sobre sua cabeça a pele que servia de hábito a São Bento e que o santo Abade o tinha tido pela mão todo o tempo que esteve na água, para que não se afundasse nela.

Depois deste lance fez Plácido ainda muito maiores progressos no caminho da perfeição. Ao passo que ia crescendo em idade, ia também adiantando-se em sabedoria, em prudência e em virtude. Amava-o o santo Patriarca como a um de seus mais queridos discípulos, prevendo com luz profética que havia de honrar a Religião, sendo o primeiro que a ilustrasse com a coroa do martírio. Era Plácido o companheiro ordinário do santo Abade; e assim como o Salvador escolhia os discípulos mais amados para testemunhas de suas maravilhas, da mesma maneira, sempre que São Bento havia de fazer algum milagre, levava por sócio a Plácido. Quando fez brotar das entranhas de um duro penhasco uma copiosa fonte para serviço do mosteiro, quis que Plácido fosse testemunha daquele prodigioso suceso; e quando foi São Bento lançar por terra os ídolos que se adoravam no Monte Cassino e fundar nele, por dizê-lo assim, a casa patriarcal de sua Ordem, levou Plácido por seu companheiro.

É verdade que nenhum discípulo deu nunca mais honra a seu mestre que nosso jovem Plácido dava ao seu. Cada dia crescia mais seu fervor, e cada dia crescia também mais sua humildade, sua devoção e sua pontualidade na observância das mais miúdas regras.

Tendo feito doação a São Bento o senhor Tértulo, pai de nosso Santo, de muitas e grandes posses que tinha na Sicília, resolveu o santo Patriarca enviar ali seu amado discípulo Plácido para que fundasse um mosteiro e deu-lhe por companheiros Donato e Gordiano, dois santos monges da casa de Monte Cassino. Deu-lhes sua bênção, comunicando-lhes seu espírito, e mandou-lhes partir para aquela apostólica expedição. Em Cápua foi recebido São Plácido com grandes demonstrações de ternura e de veneração por São Germano; em Benevento, por São Martinho; em Canosa, por São Sabino; em Régio da Calábria, por São Sisínio, bispos todos respectivamente das ditas cidades; porque naqueles felizes tempos eram poucos os bispos que não fossem Santos. Em todas as partes ia o nosso obrando grandes milagres; mas sua humildade os atribuía todos a seu santo Patriarca. Quando aportou a Messina, foi recebido como um anjo do céu pelo senhor Maselino, amigo antigo de seu pai Tértulo. Por mais instâncias que aquele cavaleiro lhe fez para que descansasse alguns dias em sua casa, não o pôde conseguir: sendo uma das máximas de nosso Santo que os monges nunca deviam deter-se em casas de seculares.

Seu primeiro cuidado foi fabricar um mosteiro não distante do porto de Messina, cuja igreja dedicou a São João Batista. Fazia todos os dias admiráveis conversões na ilha, e estas lhe ganharam crescido número de cavaleiros jovens, destinados pelo céu para formar aquela nova

colônia. Trinta deles renunciaram todos os seus bens e abraçaram desde logo a vida monástica. Em pouco tempo foi o mosteiro da Sicília uma viva cópia do de Monte Cassino; porque todas as virtudes de São Bento resplandeciam em seu verdadeiro discípulo São Plácido. Ainda que era de pouca saúde e de muito delicada compleição, sempre suas penitências excediam às que levava de seu o rigor de seu Instituto. Era contínuo seu jejum e seu ordinário sustento reduzia-se a leite, água e algumas raízes, acrescentando às terças, quintas e domingos alguns pedaços de pão. Nas quaresmas passava muitos dias sem comer nem beber. Nunca usou outra cama que a de uma cadeira muito dura e sem encosto, onde, arrimado contra a parede, tomava duas ou três horas de sono pela noite e passava em oração o restante dela. Sendo tão áspero consigo, nenhum superior foi nunca mais brando com os demais, ganhando-lhe os corações de todos uma doçura e uma caridade inalterável. Unido sempre intimamente com Deus, nem os negócios o distraíam nem o dissipavam os molestos cuidados de uma comunidade que se ia então formando. Sua terna devoção à santíssima Virgem foi como o manancial daquelas graças extraordinárias, daqueles singulares favores com que o céu o regalava continuamente; e assegura-se que pelo dom de milagres era venerado como o taumaturgo de seu século. Com só o sinal da cruz e com uma breve oração curou em certo dia um prodigioso número de enfermos que concorreram à porta do mosteiro a pedir sua bênção; de maneira que em menos de um ano se fez célebre o nome de Plácido em toda a ilha.

Governou seu mosteiro com uma prudência tanto mais admirável quanto menos regular num moço que se achava ainda no mais florido de sua juventude. Suprimia a virtude o que faltava à idade; verificando-se em sua conduta o que escrevia São Paulo a seu querido Timóteo (cap. 4): que a santidade tem o lugar de tudo. Havia quatro ou cinco anos que nosso Santo enchia de maravilhas toda a Sicília, sendo o gozo e a glória de seu pai São Bento, quando dois irmãos seus menores, Eutíquio e Victorino, que nunca o haviam visto, e outra de suas irmãs, por nome Flávia, fizeram uma viagem desde Roma à Sicília pelo consolo de conhecê-lo, ainda que impelindo-os mais a fama de sua eminente santidade que a ternura de seu sangue. Foi recíproco o gozo; e assim a conversação como os exemplos de Plácido fizeram tanta impressão nos dois irmãos e na irmã que todos estavam resolvidos a renunciar os bens da terra para trabalhar unicamente nos eternos do céu quando a divina Providência lhes abreviou muito o caminho para conseguir a eterna felicidade.

O famoso pirata Manuca, um dos homens mais encaprichados nas superstições do gentilismo, fez um desembarque na Sicília e lançou-se logo sobre o mosteiro de São João Batista, que estava imediato ao porto. Entraram nele os bárbaros, fizeram prisioneiros Plácido com todos os seus monges, entrando também no mesmo número Eutíquio e Victorino, com sua irmã Flávia; e a todos carregaram de cadeias.

O bárbaro perguntou a Donato, companheiro de São Plácido, se era cristão; e respondendo-lhe este com santa intrepidez que não só tinha a ventura de sê-lo, mas também a de ser monge, dividiu-lhe a cabeça em duas partes com um golpe de cimitarra. Fez vir depois à sua presença toda aquela tropa de gloriosos Confessores de Jesus Cristo; e não poupou promessas nem ameaças para pervertê-los: mas ele mesmo ficou assombrado da constância e da magnanimidade dos santos Mártires. Protestaram todos a voz em grito que eram cristãos, que quisessem ter muitas vidas para sacrificá-las todas em obséquio de sua Religião; e que, longe de temer a morte, invejavam todos a ventura daquele companheiro seu que havia logrado o primeiro a palma do martírio. Irritou o tirano

tão generosa resposta e mandou que a todos os despedaçassem a açoites, fazendo-os depois atormentar com inaudita crueldade; e carregando-os de prisões, ordenou que os encerrassem num lôbrego calabouço, onde estiveram sete dias sem provar bocado, em cujo tempo São Plácido animava seus santos companheiros com fervoroso zelo e com cristã eloquência. Seus dois irmãos e sobretudo sua irmã, longe de chorar sua desgraçada sorte, consideravam aquela que parecia funesta casualidade pela maior ventura que lhes pudesse suceder, atribuindo às orações de seu santo irmão a inestimável graça que lhes tinha preparada a divina Providência.

Entretanto, vendo os bárbaros sua invencível constância apesar dos paus e dos maus-tratos que lhes faziam sofrer todos os dias, determinaram tirar-lhes a vida antes de voltar a embarcar-se. Fizeram outra tentativa para que renunciassem a fé; mas São Plácido, falando em nome de todos, desenganou o tirano, dizendo-lhe que seriam vãos todos os seus esforços e que antes devia ele mesmo olhar por sua salvação e renunciar suas pagãs superstições; que os ídolos a quem ele rendia cultos eram inanimadas estátuas, sem força e sem movimento, imagens desprezíveis de divindades quiméricas; que não havia outro Deus que aquele que adoravam os Cristãos, criador do universo, árbitro de nossa eterna sorte e supremo Juiz que em breve havia de ser de todos. Interrompeu-o o bárbaro, que já não podia sofrer a generosa intrepidez do santo Mártir, e mandou que com um duro seixo lhe fizessem pedaços os dentes e as mandíbulas: não contente com isto, para que não pudesse falar, mandou arrancar-lhe a língua até a mesma raiz; mas o que perdeu a língua por amor de Jesus Cristo nem por isso perdeu o uso dela; antes bem, com assombroso prodígio, prosseguiu falando com voz mais clara, mais sonora e mais corpulenta que nunca: maravilha que converteu a muitos gentios; mas não converteu o tirano: antes mais e mais enfurecido, temendo algum alvoroço popular, mandou que a todos cortassem a cabeça. Foram conduzidos à margem do mar, sítio assinalado para a execução do suplício. Logo que chegaram a ele, ajoelharam-se todos e ofereceram a Deus o sacrifício de suas vidas. São Plácido, cuja milagrosa voz esforçava mais e mais o valor dos generosos Mártires, fez em nome de todos esta devota oração a Jesus Cristo: «Salvador meu Jesus Cristo, que vos dignastes padecer morte de cruz por nossa salvação, sede propício a estes vossos humildes servos: dai-nos constância até o fim e fazei-nos a mercê de que sejamos associados ao coro de vossos santos Mártires; conservai-nos intrépidos até o último momento de nossa vida e dignai-vos aceitar o sacrifício que vos fazemos dela.» Toda a bem-aventurada tropa respondeu imediatamente: «Amém»; e no mesmo ponto foram sacrificadas todas aquelas inocentes vítimas no dia 5 de outubro do ano 541, em número de trinta e três, sendo as mais célebres Plácido, de idade de vinte e quatro anos; Fausto e Firmato, diáconos; Eutíquio e Victorino, irmãos de nosso Santo, e sua santa irmã Flávia.

Acabada esta carnificina, os bárbaros puseram fogo ao mosteiro, demoliram-no e profanaram a igreja. Feito isto, voltaram a embarcar-se; mas receberam logo o castigo de sua barbaridade, porque mal se fizeram a alto-mar, estando ainda em frente do Farol de Messina, levantou-se uma furiosa tormenta na qual pereceram todos, sem salvar-se nem um só. Achava-se à sazão ausente do mosteiro Gordiano, um de seus monges, e quando voltou a ele encontrou ainda inteiros os corpos dos Mártires junto à margem do mar. Deu-lhes sepultura na igreja, onde permaneceram até o século XVI, em que foram achados e elevados da terra com grande solenidade quase mil e cem anos depois de seu glorioso martírio, e honrou Deus com muitos milagres aquela magnífica trasladação.

Santo Atilano, Bispo e Confessor

Na cidade de Tarazona, sita no reino de Aragão, nasceu Santo Atilano, um dos célebres alunos da Ordem de São Bento e um dos mais santos e zelosos bispos que têm brilhado na Igreja da Espanha. Seus pais, distintíssimos cidadãos por sua nobreza, mas muito mais por sua piedade, receberam-no como fruto das fervorosas orações que por muitos anos haviam oferecido ao céu para que os favorecesse com sucessão. Nesta atenção dedicaram-se com o maior esmero a imprimir no menino desde sua terna idade todas aquelas ideias que pudessem contribuir ao cumprimento da promessa que fez sua mãe, logo que se sentiu grávida, de consagrar a Deus o filho que se dignasse conceder-lhe. Mas como Atilano era de uma índole amável, de uma docilidade singular e de uma inclinação como nascida para a virtude, custou-lhes pouco trabalho sua educação; deixando-se ver em sua juventude adornado com todas aquelas prendas de natureza e graça que o fizeram um dos jovens mais cabais de seu tempo.

Aplicado à carreira das letras, como se achava dotado de um excelente engenho, fez maravilhosos progressos nas ciências e nada inferiores na virtude; de sorte que em breve tempo foi mais sábio do que correspondia a seus anos e com excesso mais santo e virtuoso. Como aos conhecimentos da verdadeira sabedoria é consequente o desengano dos caducos bens da terra, desprezando Atilano todas as esperanças que o mundo prometia a seu nobre nascimento e recomendáveis prendas, fechando os ouvidos inteiramente aos enganosos afagos da carne e sangue, só pensou em buscar seguro asilo a sua inocência, retirado dos perigos do século; para o que vestiu o hábito da Ordem Beneditina num mosteiro perto de Tarazona, do qual restam alguns vestígios onde existe a igreja que conserva o nome de São Bento.

Permaneceu algum tempo naquele mosteiro, acreditando com seu fervor, com sua observância regular, com sua eminente virtude e com seu admirável exemplo a verdade de sua vocação, até que, tendo ouvido a fama pública de santidade de São Froilão, determinou buscar tão excelente mestre. Obtida a licença de seu abade, corrente naquelas idades nos monges que apeteciam seguir a vida anacoreta, passou ao monte Corros, onde soube que o Santo se havia retirado fugindo da multidão de gentes que lhe estorvavam seu apetecido repouso, e suplicou-lhe humildemente que o admitisse por seu discípulo. Conseguida esta graça, viveu na companhia daquele herói solitário, imitando-o nos santos exercícios de oração, contemplação e assombrosas penitências. Fundou Froilão o célebre mosteiro de Moreruela, onde congregou duzentos monges sob a regra de São Bento, alentando-os com seu exemplo a dar todo o cheio à alta ideia de perfeição a que eram chamados; e como conhecia o fervor e a virtude de Atilano, nomeou-o por prior daquela numerosa comunidade, em cujo emprego acreditou com provas práticas sua consumada prudência, sua piedade e sua extremada caridade para com todos os religiosos.

Vagou por então a cadeira episcopal da igreja de Zamora e, como a fama de santidade com que brilhava Atilano era tão pública e notória, por igual aclamação que foi promovido à cadeira de Leão seu mestre, fez-se a eleição no discípulo, muito distante de apetecer honoríficos empregos. Em vão rogou e chorou para que o exonerassem daquela insuportável carga, pois, convencidos todos de que só sua atividade e seu zelo poderia reparar as perdas que havia padecido aquela igreja na irrupção dos árabes, insistiram na eleição, em termos que lhe foi preciso sujeitar-se à vontade de

Deus, bem conhecida em tão visíveis provas.

Passou Atilano a Zamora a exercer as funções de seu ministério e as primeiras atenções de sua vigilância pastoral dirigiram-se à reedificação dos templos destruídos pelos sarracenos, ao restabelecimento da disciplina eclesiástica e à reforma dos costumes de seu povo, devendo-se a seu zelo sempre ativo e sempre infatigável que sua diocese, pouco antes possuída de uma sensível relaxação, mudasse de semblante. Pelo discurso de dez anos padeceu inumeráveis trabalhos na reparação dos estragos que ocasionaram os bárbaros em sua igreja; mas a conduta admirável que observou o santo Pastor em todas as suas empresas facilitou a obediência a suas prudentes e sábias exortações. A dignidade não causou nele outra novidade que a de aumentar seu fervor, sem que se dispensasse por mais tarefas dos exercícios religiosos que praticava no mosteiro, portando-se com todos com tanta doçura, com tanto amor e com tanta benevolência que, feito dono dos corações de seus súditos, todos o amavam como a pai e o veneravam como a santo, correspondendo o rendimento a suas ordens e ao zeloso espírito com que as dispensava.

Logo que conheceu que seu rebanho estava suficientemente instruído, lembrando-se de alguns defeitos de sua juventude, determinou satisfazê-los por meio da peregrinação, gênero de penitência adotada naqueles séculos. Fê-lo presente ao povo para que não tivessem por suspeita sua ausência. Clamaram todos com a maior dor sobre que não os deixasse, pois não tinham outro pai, outro mestre nem outro prelado que consolasse suas aflições nem acudisse a suas misérias; mas constante o Santo em sua resolução, temperou a pena de seu povo com que voltaria dentro de breve tempo, mandando entretanto que se distribuíssem em socorro dos pobres todas as rendas episcopais. Empreendeu sua marcha imediatamente e, ao sair da cidade, chegando à ponte contígua ao templo de São Lourenço, arrojou ao rio o anel episcopal, dizendo: «Quando o voltar a ver, estarei certo do perdão de todos os meus pecados.» Seguiu sua peregrinação em hábito de pobre, pedindo esmola de porta em porta; visitou os Santos Lugares que se veneram na cristandade e, tendo passado dois anos neste penosíssimo exercício, padecendo inumeráveis trabalhos, ouviu uma voz celestial que lhe preveniu que voltasse a seu bispado, pois Deus havia ouvido seus rogos. Obedeceu Atilano imediatamente e, chegando a Zamora ao tempo de escurecer, fatigado do cansaço, deteve-se aquela noite na ermida de São Vicente. Passaram os ermitões na manhã seguinte pelas espórtulas, ou porções esmolares acostumadas, e representando ao esmoler que tinham na ermida um pobre hóspede, deu-lhes um peixe grande para os três. Deram-no a Atilano para que o destripasse enquanto dispunham o necessário para condimentá-lo; e quando o Santo se ocupava naquela operação, achou no ventre do peixe o anel episcopal que havia arrojado ao rio ao tempo que saiu de Zamora. Então, posto de joelhos, levantando as mãos ao céu, deu ao Senhor graças, dizendo: «Bendito seja o Senhor Deus de Israel, que visitou e fez a redenção de seu servo; engrandeçam todos os que te conhecem, Senhor, tuas misericórdias, porque as derramas em tempo oportuno e exaltas teus servos: quando eu, Senhor, mereci vê-las, e quando conseguir teus divinos auxílios em meio de minha tribulação! Bendito sejas eternamente, porque tu só obras semelhantes maravilhas e glorificas os que te temem. Quem sou eu, sendo um humilde homenzinho, para merecer as misericórdias que hoje me dispensa tua destra!»

Diz-se que em seguida a este memorável suceso se tocaram por si os sinos de Zamora, do que admirados os cidadãos, cheios de confusão, ignorando o motivo, lembrou-se o esmoler do hóspede

para quem deu o peixe aos ermitões. Concorreram todos à ermida de São Vicente, e saiu-lhes ao encontro o Santo já vestido de pontifical milagrosamente. Não é possível explicar o gozo que concebeu o povo de Zamora à vista de seu amado Pastor; levaram-no à cidade com toda a magnificência, e viveu depois sete ou oito anos, dispensando todos os deveres de seu ministério com o zelo, com a caridade e com o fervor próprio de um verdadeiro sucessor dos Apóstolos. Quis o Senhor premiar seus merecimentos e levou-o para si no dia 5 de outubro, a princípios do século X, aos setenta anos de sua idade e dezenove de bispo. Deram sepultura a seu venerável corpo com um epitáfio expressivo de seus admiráveis feitos e, tendo Deus esclarecido seu sepulcro pelos muitos milagres que obrou em favor dos que concorriam a visitá-lo, elevaram suas relíquias sobre o altar-mor da igreja de São Pedro, que então servia de catedral, onde com as de Santo Ildefonso, arcebispo de Toledo, se lhe tributam a honra e culto correspondente.

Missa (oração)

A missa é em honra de São Froilão, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui beatum Froylanum monastici instituti propagandi studio decorasti, et ex eremo ad episcopale munus cœlesti indicio vocatum miraculis clarum effecisti: concede propitius, ut cujus patrocinio gloriamur, ejus instruamur exemplis. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que condecorastes o bem-aventurado Froilão com o zelo de propagar o instituto monástico e, chamando-o do deserto ao cargo episcopal por meio de sinais celestiais, o tornastes esclarecido em milagres: concedei propício, aos que se gloriam de seu patrocínio, que sejamos instruídos por seus exemplos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 44 e 45 do Eclesiástico (o impresso remete à página do dia 1 de outubro).

Eclesiástico 44,16-27; 45,3-20

> **Latim:** [16] Enoch placuit Deo, et translatus est in paradisum, ut det gentibus pœnitentiam. [17] Noë inventus est perfectus, justus, et in tempore iracundiæ factus est reconciliatio. [18] Ideo dimissum est reliquum terræ, cum factum est diluvium. [19] Testamenta sæculi posita sunt apud illum, ne deleri possit diluvio omnis caro. [20] Abraham magnus pater multitudinis gentium, et non est inventus

> similis illi in gloria : qui conservavit legem Excelsi, et fuit in testamento cum illo. [21] In carne ejus stare fecit testamentum, et in tentatione inventus est fidelis. [22] Ideo jurejurando dedit illi gloriam in gente sua, crescere illum quasi terræ cumulum, [23] et ut stellas exaltare semen ejus, et hæreditare illos a mari usque ad mare, et a flumine usque ad terminos terræ. [24] Et in Isaac eodem modo fecit, propter Abraham patrem ejus. [25] Benedictionem omnium gentium dedit illi Dominus, et testamentum confirmavit super caput Jacob. [26] Agnovit eum in benedictionibus suis, et dedit illi hæreditatem, et divisit illi partem in tribubus duodecim. [27] Et conservavit illi homines misericordiæ, invenientes gratiam in oculis omnis carnis. [3] Glorificavit illum in conspectu regum, et jussit illi coram populo suo, et ostendit illi gloriam suam. [4] In fide et lenitate ipsius sanctum fecit illum, et elegit eum ex omni carne. [5] Audivit enim eum, et vocem ipsius, et induxit illum in nubem. [6] Et dedit illi coram præcepta, et legem vitæ et disciplinæ, docere Jacob testamentum suum, et judicia sua Israël. [7] Excelsum fecit Aaron fratrem ejus, et similem sibi, de tribu Levi. [8] Statuit ei testamentum æternum, et dedit illi sacerdotium gentis, et beatificavit illum in gloria : [9] et circumcinxit eum zona gloriæ, et induit eum stolam gloriæ, et coronavit eum in vasis virtutis. [10] Circumpedes, et femoralia, et humerale posuit ei : et cinxit illum tintinnabulis aureis plurimis in gyro : [11] dare sonitum in incessu suo, auditum facere sonitum in templo in memoriam filiis gentis suæ. [12] Stolam sanctam auro, et hyacintho, et purpura, opus textile viri sapientis, judicio et veritate prædiți : [13] torto cocco opus artificis gemmis pretiosis figuratis in ligatura auri, et opere lapidarii sculptis, in memoriam secundum numerum tribuum Israël. [14] Corona aurea super mitram ejus expressa signo sanctitatis, et gloria honoris : opus virtutis, et desideria oculorum ornata. [15] Sic pulchra ante ipsum non fuerunt talia usque ad originem. [16] Non est indutus illa alienigena aliquis, sed tantum filii ipsius soli, et nepotes ejus per omne tempus. [17] Sacrificia ipsius consumpta sunt igne quotidie. [18] Complevit Moyses manus ejus, et unxit illum oleo sancto. [19] Factum est illi in testamentum æternum, et semini ejus, sicut dies cæli, fungi sacerdotio, et habere laudem, et glorificare populum suum in nomine ejus. [20] Ipsum elegit ab omni vivente, offerre sacrificium Deo, incensum, et bonum odorem, in memoriam placare pro populo suo :

Português: [16] Henoc agradou a Deus, e foi trasladado ao Paraíso, para exortar as nações à penitência. [17] Noé foi achado perfeito, justo, e no tempo da ira veio a ser a reconciliação dos homens. [18] Por isso foram deixadas umas relíquias déles sobre a terra, quando veio o dilúvio. [19] Com êle foi feito o pacto eterno, que não pudesse ser destruída por outro dilúvio tôda a carne. [20] O grande Abraão foi o pai da multidão das nações e não se achou outro semelhante a êle em glória, o qual guardou a lei do Excelso, e com êle se pôs em aliança. [21] Em sua carne ratificou esta aliança, e êle na tentação foi achado fiel. [22] Por isso jurou o Senhor que lhe havia de dar glória em sua família, que êle cresceria como o pó da terra, [23] e que exaltaria a sua descendência como as estrelas, e que êles teriam uma herança de mar a mar, e desde o rio até às extremidades da terra. [24] E com Isaac obrou do mesmo modo por amor de Abraão seu pai. [25] O Senhor lhe deu a bênção

de tôdas as nações e confirmou o testamento sôbre a cabeça de Jacó. [26] Reconheceu-o em suas bênçãos, e deu-lhe a herança, e lha repartiu, dividindo-a entre as doze tribos. [27] E conservou-lhe homens de misericórdia, que achassem graça diante dos olhos de tôda a carne. [3] Glorificou-o diante dos reis, e lhe prescreveu ordenações diante do seu povo, e lhe fêz ver a sua glória. [4] Pela sua fé e mansidão o santificou e o escolheu dentre toda a carne. [5] Porque o ouviu a êle, e a sua voz, e o fêz entrar na nuvem. [6] E lhe deu os seus preceitos cara a cara, e a lei da vida e da disciplina para ensinar o seu Testamento a Jacó, e os seus juízos a Israel. [7] Sublimou a seu irmão Aarão, e semelhante a êle da tribo de Levi: [8] Estabeleceu com êle um pacto eterno, e lhe deu o Sacerdócio da Nação: E o fêz bem-aventurado em glória, [9] e o cingiu duma faixa de glória, e o revestiu duma vestidura também de glória, e o coroou com adornos de preciosidade. [10] Pôs-lhe a vestidura talar, e a túnica interior, e o efod, e o cingiu ao redor dum grande número de campainhas de ouro. [11] A fim de repetir o sonido delas quando andasse, para fazer ouvir no templo êste mesmo sonido por modo de advertência aos filhos da sua gente. [12] A vestidura santa, de ouro e de jacinto, e de púrpura, obra tecida, dum varão sábio, dotado de juízo e de verdade: [13] De fio de escarlate torcido, obra de grande artifício, de pedras preciosas gravadas em engaste de ouro, e entalhadas por indústria de lapidário para avivar a memória do número das tribos de Israel. [14] Havia sôbre a sua mitra uma coroa de ouro esculpida com sêlo de santidade, e com glória de honra: Obra de muito primor, e adorno que levava após si os olhos de todos. [15] Trajos tão majestosamente airosos como êstes não houve antes dêle desde o princípio do mundo. [16] Dela se não vestiu pessoa alguma de outra família, mas só únicamente os seus filhos, e os seus netos por todo o decurso das idades. [17] Os seus sacrifícios foram todos os dias consumidos pelo fogo. [18] Moisés lhe sagrou as mãos, e o ungiu dum óleo santo. [19] Foi-lhe concedido a êle, e à sua descendência por um pacto eterno como os dias do Céu, o exercer as funções do sacerdócio, e cantar louvores, e bendizer ao seu povo em seu nome. [20] Êle o escolheu dentre os viventes para oferecer a Deus o sacrifício, o incenso e o bom cheiro, a fim do mesmo Deus se lembrar do seu povo fazendo-o assim propício.

Reflexões

Eis aqui um grande sacerdote. Nem os grandes títulos nem as grossas rendas formam os grandes prelados; pois os ministros de Jesus Cristo têm origem mais nobre, qual é que agradou a Deus enquanto viveu e ninguém observou com maior exatidão a lei do Altíssimo. Esta é a base e o cimento da verdadeira grandeza: agradar a Deus e observar com a mais exata fidelidade os preceitos do Senhor. Esta é a única nobreza que passa à outra vida. Ostentoso aparato de títulos e de grandes nomes, postos elevados, dignidades eminentes, brilhais, não há dúvida; mas como? Como relâmpagos fugitivos que mal nascem quando desaparecem. Tudo se enterra conosco, menos a santidade. As mais belas prendas do corpo e da alma sem virtude são nomes vazios: as que só se fundam em fortuna ruidosa e em rendas crescidas são pouco respeitáveis e até muitas vezes servem para tornar mais visível a pobreza da pessoa. Só a virtude vale mais que todos os títulos, e que são todos os títulos sem virtude? Coisa estranha! Fazemos grandes gastos por meter um pouco de ruído: houve jamais glória mais vã, nem estrondo mais superficial, nem grandeza mais pequena? Quando chega o caso de dispor alguma oração fúnebre, então se cala ou dissimula ou se disfarça com arte tudo aquilo que mais lisonjeou ou que mais ocupou o coração dos grandes.

Mas não sucede assim quando se trata em iguais casos de elogiar as virtudes dos Santos; pois mal se encontram expressões bastantes para manifestar seu heroísmo e para excitar os mortais a sua imitação, sob o seguro de não se achar mérito mais digno que louvar. Ah, Senhor, e que copioso material de elogios não brota a santidade dos que souberam agradar-vos com a observância de vossa divina Lei!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus (o impresso remete à página do dia 1 de outubro).

Mateus 25,14-23

> **Latim:** 14 Sicut enim homo peregre proficiscens, vocavit servos suos, et tradidit illis bona sua. 15 Et uni dedit quinque talenta, alii autem duo, alii vero unum, unicuique secundum propriam virtutem : et profectus est statim. 16 Abiit autem qui quinque talenta acceperat, et operatus est in eis, et lucratus est alia quinque. 17 Similiter et qui duo acceperat, lucratus est alia duo. 18 Qui autem unum acceperat, abiens fodit in terram, et abscondit pecuniam domini sui. 19 Post multum vero temporis venit dominus servorum illorum, et posuit rationem cum eis. 20 Et accedens qui quinque talenta acceperat, obtulit alia quinque talenta, dicens : Domine, quinque talenta tradidisti mihi, ecce alia quinque superlucratus sum. 21 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui. 22 Accessit autem et qui duo talenta acceperat, et ait : Domine, duo talenta tradidisti mihi, ecce alia duo lucratus sum. 23 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui.

Português: 14 Porque assim he como hum homem, que ao ausentar-se para longe, chamou aos seus servos, e lhes entregou os seus bens. 15 E deo a hum cinco talentos, e a outro dous, e a outro deo hum, a cada hum segundo a sua capacidade, e partio logo. 16 O que receberá pois cinco talentos, foi-se, e entrou a negociar com elles, e ganhou outros cinco. 17 Da mesma sorte tambem o que receberá dous, ganhou outros dous. 18 Mas o que havia recebido hum, indo-se com elle, cavou na terra, e escondeu alli o dinheiro de seu senhor. 19 E passando muito tempo, veio o senhor d'aquelles servos, e chamou-os a contas. 20 E chegando-se a elle o que havia recebido os cinco talentos, apresentou-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, tu me entregaste cinco talentos, eis-aqui tens outros cinco mais que lucrei. 21 Seu senhor lhe disse: Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor. 22 Da mesma sorte apresentou-se tambem o que havia recebido dous talentos, e disse: Senhor, tu me entregaste dous talentos, eis-aqui tens outros dous, que ganhei com elles. 23 Seu

senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor.

Meditação

Da ciência dos Santos

Primeiro ponto

Considera que a verdadeira ciência consiste em fazer-se santo; qualquer outra sabedoria ou habilidade não merece o nome desta virtude. Todos esses homens grandes cuja memória faz tanto ruído no mundo e cujo nome brilha tanto na história, se se condenaram, foram sábios de perspectiva. Celebre em boa hora o mundo suas ideias, seus pensamentos e muitas vezes suas aéreas locuções; mas desengana-te, que a ciência verdadeira não é outra que a salvação.

Não fala neste sentido o Sábio quando diz que o número dos néscios é infinito e que há poucos que possuam esta verdadeira sabedoria? Toda a nossa prudência, todo o nosso engenho reduz-se a apascentar-nos de quimeras, e toda a vida se passa em edificar sobre areia movediça, que ao menor movimento se reduz a nada o fabricado.

Será sabedoria trabalhar para outros? E um quarto de hora depois da morte, de que servirão os bens que se juntaram com tanta fadiga? Será prudência ter as lâmpadas acesas sem advertir que se vai acabando o azeite? E será tempo de fazer a prevenção quando se está de partida para a eternidade?

Será verdadeira ciência abandonar o único negócio para o qual estamos neste mundo e só afanar-se quando não se está para fazer nada? E com tudo isso esta é a conduta ordinária dos que no mundo passam por homens sábios. Que grande loucura! Pensar em tudo, tomar justas medidas para tudo, exceto para a salvação. O inferno está cheio destes sábios de perspectiva. Ah Senhor! E não aumentaria eu o número deles, se Vós não me tivésseis conservado a vida até hoje? Mas que não mereceria eu se desde logo me faço sábio verdadeiramente?

Segundo ponto

Considera que é muita necedade não pensar mais que numa fortuna imaginária, que eternamente a havemos de olhar como tal; a que sabemos que nada tem de permanente, nada de sólido, e mal se deixa ver quando desaparece; ao mesmo tempo que nada fazemos por uma sorte eterna. Coisa estranha! Aquilo que há de ser matéria eterna de nossa dor e de nosso arrependimento, isso é o que ocupa todo o nosso coração, e esse é o objeto de todas as nossas atenções.

Há algumas almas insensíveis e preguiçosas que nunca olham mais que a uma parte da Lei, ainda que não ignoram de todo a religião de Jesus Cristo. Sempre se sentem com alguns desejos de romper aquele laço, de domar aquela paixão, de ser mais regulares e devotas; mas sempre passam o tempo ocupadas em vãos projetos de conversão. Quando vier o esposo e chamar à porta, todos despertam, assim o fervoroso como o preguiçoso; mas ditoso aquele que tem feita com tempo sua prevenção. Mas será tempo de fazê-la quando já é preciso apresentar-se diante do Juiz? E não é loucura esperar ser prudente e ser sábio de repente o que toda a sua vida deu provas de uma insigne necedade? Os filhos do século são muito hábeis em proporcionar os meios para conseguir seus fins, ainda quando os que se propõem os conduzam à sua perdição. E será possível que só em matéria da salvação eterna sejam néscios e estúpidos?

Ah, que prudente foi São Froilão! Quando, retirando-se dos perigos do mundo, só atendeu ao importantíssimo negócio de sua salvação e, persuadido das eternas verdades de nossa Religião, julgou que não devia tomar outro partido; no que sem dúvida foi sábio e prudente segundo Deus.

Senhor, ainda que estou persuadido e convencido do que devo fazer, nada posso sem vossa divina graça: peço-vo-la, doce Jesus meu, resolvido a dar princípio desde logo ao estudo da verdadeira sabedoria, que consiste em trabalhar eficazmente no negócio de minha eterna salvação.

Jaculatórias

Dai-me, Senhor, aquela verdadeira sabedoria que desce de Vós; aquela que vos faz perpétua companhia em vosso trono. (Sb 9.)

Toda a sabedoria consiste em temer e servir a Deus. (Eclo 1.)

Propósitos

1. Forma um conceito cabal da verdadeira sabedoria, a qual te convencerá plenamente de que só são verdadeiros sábios os que sabem salvar-se. Por este princípio te hás de governar sempre; e assim, quando houveres de empreender algum negócio e houveres de parecer homem prudente no mundo, pergunta-te a ti mesmo: bem, que parte tem isto em minha salvação?

2. O homem prudente sempre toma medidas para chegar ao fim. Mas guarda-te bem de forjar-te uma consciência falsa em negócio de tanta importância. Foge com horror de todos os livros suspeitosos, fazendo um firme propósito de não ler jamais um livro condenado. Adverte que é insolência, é impiedade não render-se à ordem do legítimo superior que o reprova. Ainda que tenhas licença para ler livros proibidos, nem por isso será sua doutrina mais sã nem mais santa: livrar-te-ás do pecado e do contágio, mas não do perigo; coisa estranha: à menor suspeita de peste ou de contágio ficam desertas as cidades, e ainda que se sabe o contágio dos livros proibidos, poucos fogem deles. Retira-te, pois, não só de semelhantes livros, mas de toda pessoa suspeita na doutrina; pois, além de nos prejudicarem, não são meios para adquirir a verdadeira sabedoria, que

se interessa nada menos que em nossa salvação.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:53:18 by Admin
Updated 20 November 2026 20:53:18 by Admin